



AS DIFICULDADES DE ACESSO A FERRAMENTAS EDUCACIONAIS DURANTE O ENSINO REMOTO

Gabriele Cristine da Silva¹

Luiz Gustavo Razoto Taborda²

Bruno Roiko da Cruz³

Remi Vitorino Lucchese Wagner Filho⁴

Álvaro Emílio⁵

RESUMO

A pandemia da Covid-19 ocasionou grandes mudanças na vida de todas as pessoas, e mostrou como a educação não é igual para todos, já que praticamente todas as escolas aderiram ao ensino remoto e vários alunos da Educação Básica têm baixo ou nenhum acesso aos recursos necessários para estudar desse modo. Assim sendo, este artigo visa mostrar quais são as dificuldades tecnológicas enfrentadas pelos estudantes e quais medidas foram tomadas para diminuir esta desigualdade. A pesquisa ocorreu por meio da busca de textos e dados que falassem a respeito do ensino remoto, acesso ao ensino e desigualdades de alcance a recursos educacionais e por relatos de professores e estagiários do PIBID sobre como se desenrolaram as aulas em duas escolas de Curitiba. Além disso, foram levados em consideração relatórios mensais realizados pelos autores, entre novembro de 2020 e outubro de 2021, sobre como estavam ocorrendo as aulas em turmas do ensino médio em escolas públicas. Também são apresentadas alternativas que poderiam ser utilizadas para viabilizar ferramentas educacionais aos alunos. Mesmo com vários artifícios usados para disponibilizar material didático, a desigualdade no ensino ainda é muito presente no Brasil.

Palavras-chave: Ensino remoto, Desigualdade na educação, Acesso, Pandemia, Recursos educacionais.

INTRODUÇÃO

Em 2020, a educação sofreu drásticas mudanças, bem como a maioria dos setores no mundo todo. Diante da pandemia da Covid-19 e conseqüentemente das medidas de distanciamento social adotadas pelo governo, os alunos não puderam viver as aulas da forma como até então eram realizadas. Na grande maioria dos colégios e universidades, as aulas presenciais foram suspensas e um caos se instaurou. Fazendo uma analogia com empresas, que também sentiram fortemente os impactos da pandemia, observa-se que muitas fecharam as portas por não conseguirem se adaptar às novas circunstâncias que estavam sendo

¹ Graduanda do Curso de Física da Universidade Tecnológica Federal do Paraná - UTFPR, bicristinesilva@gmail.com;

² Graduando do Curso de Física da Universidade Tecnológica Federal do Paraná - UTFPR, luiz-gustavo72@hotmail.com;

³ Graduando do Curso de Física da Universidade Tecnológica Federal do Paraná - UTFPR, brunoroiko@alunos.utfpr.edu.br;

⁴ Mestre pelo Curso de Engenharia de Materiais da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS, rwlwagner@gmail.com;

⁵ Professor orientador: doutor, Setor de Educação - UFPR, alvaroemilioleite@gmail.com.



impostas; mas também algumas se adequaram rapidamente, mudando suas estratégias e conseguindo assim, resistir a esse delicado momento. Nas escolas não foi diferente, muitas sofreram consequências inimagináveis em relação à qualidade do ensino, enquanto outras rapidamente se adequaram, fornecendo todo o apoio necessário (acesso aos materiais, incentivo) para que os alunos continuassem com o estudo das disciplinas.

Nesse artigo, procura-se fazer uma análise sobre como o acesso às tecnologias que auxiliam o estudo remoto ou a falta dele, influencia na qualidade das aulas e na obtenção do conhecimento. Foram utilizados relatos pessoais de estagiários e professores, que sentiram em primeira mão como foi passar por essas mudanças, além da produção de relatórios mensais que demonstram a evolução e as dificuldades no ensino remoto das turmas que tiveram esse acompanhamento. Também foram analisados dados do IBGE que auxiliassem na visualização de como o acesso às tecnologias era distribuído em escala nacional, separando-os por estado e por rede de ensino: pública/privada.

Com isso, é possível perceber que as escolas que atendem a classes sociais mais privilegiadas, tiveram uma agilidade e uma capacidade maior de se renovar e treinar seus professores para esse novo modelo de ensino. Enquanto grande parte das escolas públicas ficaram à mercê da falta de estrutura e instrução por parte dos governantes, aumentando ainda mais a discrepância existente entre o ensino no Brasil.

METODOLOGIA

A princípio, foram desenvolvidos relatórios mensais com base nas observações feitas das aulas remotas do ensino médio, onde eram destacados os principais desafios desse ensino emergencial e as estratégias do professor para manter o ensino com qualidade. As aulas são de uma escola estadual de Curitiba, elas eram ministradas somente através do Google Meet até julho de 2021, depois passaram para o modelo híbrido. A produção de relatórios ocorreu entre dezembro de 2020 a outubro de 2021. Algumas ideias que nortearam o estudo foram:

- O que acontecia com os alunos que não tinham recursos para assistir às aulas, eles abandonaram os estudos? Eram fornecidos materiais impressos? O governo providenciava ferramentas tecnológicas a eles (TV, internet, tablets, celulares, ...)?;
- Caso fosse necessário manter o ensino remoto por mais tempo, quais novas ferramentas poderiam ser usadas para melhorar as aulas nas escolas públicas e o acesso dos estudantes?



- Qual o comportamento dos estudantes frente ao ensino remoto? Eles assistem às aulas, fazem as tarefas? Como chamar a atenção deles?
- Como as aulas estão se desenvolvendo e o que mudou desde o início do ensino remoto emergencial.

Além das observações realizadas e das ideias norteadoras, o segundo passo foi a busca por artigos científicos que relatam como o ensino remoto emergencial afetou a educação, quais foram as tomadas de decisões dos colégios estaduais, a forma como as atividades foram desenvolvidas e as dificuldades enfrentadas pelos estudantes que não possuíam acesso à internet ou a equipamentos necessários para estudar.

Após estudar como estava ocorrendo o ensino neste período de pandemia, foi pedido a alguns estudantes e professores do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid) de Física que fizessem um relato, onde o foco foi descrever como cada turma reagiu, quais as dificuldades e como os estudantes se saíram nesse momento. Foram também coletados dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), com o intuito de computar a quantidade de alunos sem acesso, ou difícil, a tecnologias educacionais, por regiões do país e rede de ensino.

Com o passar do tempo iniciaram reuniões quinzenais com o orientador, desse modo foi possível analisar como estava ocorrendo o desenvolvimento do estudo; depois da finalização de todo esse processo, o grupo se reuniu para concluir o projeto e refletir sobre o desenvolvimento da pesquisa.

REFERENCIAL TEÓRICO

Todas as pessoas possuem direito a educação básica de qualidade, contudo, o surto da Covid-19 fez com que as desigualdades do acesso à educação aumentassem. Na constituição brasileira é dito que “A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.” (BRASIL, 1988, art. 205).

A pandemia da Covid-19 desestabilizou o mundo todo, afetando todas as áreas da sociedade contemporânea e tecnológica, uma das áreas que sofreu mais impactos foi a educação, em meio ao caos que se instaurou, os colégios, universidades e institutos de ensino cancelaram todas as suas atividades por certo período, porém após alguns meses ocorreu o retorno das atividades para que a educação não fosse ainda mais prejudicada (MACEDO,



2021). Várias estratégias foram adotadas a fim de que os estudantes conseguissem acesso aos conteúdos, mas será que todos tiveram a mesma oportunidade e conseguiram estudar da melhor forma?

Devido a impossibilidade do retorno às aulas em decorrência da pandemia, iniciou-se então o processo de replanejamento do ano letivo e a busca de ferramentas que seriam utilizadas para a transmissão das aulas, foi um processo demorado. Algumas técnicas que surgiram no Paraná foram: disponibilizar aulas no YouTube, na TV e pelo aplicativo Aula Paraná, aulas ao vivo por meio do Google Classroom e outras plataformas, existiu também a distribuição de kits com materiais impressos àqueles que possuíam dificuldade de acesso aos recursos citados anteriormente.

Uma outra alternativa poderia ser permitir acesso desses estudantes à escola, em certos horários, a fim de que pudessem acessar conteúdos on-line (NASCIMENTO, *et al.* 2020, p. 13). Entretanto alguns alunos e familiares poderiam recusar a ida à escola pela gravidade da pandemia, então, se os discentes não possuem acesso à internet, dados ou televisão, poderia ser concedido a eles as tecnologias necessárias, como instalação de TV's, internet ou fornecer tablets e computadores, que depois seriam devolvidos para as suas respectivas instituições de ensino. Apesar de todas as estratégias adotadas, é visível que há uma discrepância na aprendizagem entre aqueles que possuem acesso à internet de qualidade, TV e outros meios de comunicação, daqueles que não têm a mesma oportunidade.

Macedo (2021), observa um ponto em específico onde diz que a desigualdade digital reflete desigualdades sociais mais amplas, se for analisado o percurso desenvolvido pelas escolas em 2020 é perceptível que estudantes com uma renda estável possuíam menos dificuldades para acessar as aulas e atividades do que estudantes - da mesma escola - com uma renda baixa, escancarando a desigualdade social existente em no país. Mesmo a internet estando no Brasil desde o fim dos anos 1990, só se tornou popular em 2010 devido aos smartphones e posteriormente tablets e similares, porém devido ao preço destes dispositivos, somados aos custos de instalação de uma banda larga e a mensalidade da mesma, muitos não consegue realizar o acesso às atividades e assim diversos estudantes acabam sendo excluídos. (MACEDO, 2021)

Relatos de professores demonstram que com o início do ensino híbrido muitos alunos não sabiam os conteúdos, não haviam realizado as atividades ou nem sabiam onde encontrar tais materiais.

Com relação ao levantamento de dados sobre os estudantes que possuíam acesso à internet e dispositivos para acessá-la, Macedo (2021), demonstra que se levar em



conta as classes A e B, a internet está presente em quase 100% das residências, já nas classes D e E esta porcentagem cai para 50%, com relação aos dispositivos - esta pesquisa incluiu celulares e computadores - na classe A e B os valores chegavam a 95 e 85% respectivamente, já na classe D e E este número cai para apenas 14%. Além destas dificuldades enfrentadas por estudantes de classe baixa, existe também o fato de saber manusear equipamentos desse tipo, dominar os aplicativos/sites onde eram disponibilizados os materiais e aulas. Foi perceptível inclusive a dificuldade de muitos professores com relação ao manuseio dessas plataformas, com o decorrer do ano letivo remoto professores e estudantes dominaram estas plataformas e tudo ocorreu de forma mais tranquila, mas aqueles que não possuíam acesso, não tiveram sequer a oportunidade de utilizar estes aplicativos. (MACEDO, 2021).

Vale destacar aqui que muitos estudantes possuíam estes equipamentos e internet, porém não acessaram as aulas ou atividades, não foi possível confirmar porque isso ocorreu, talvez falta de interesse, ou falta de incentivo dos pais, em muitos casos se a escola não fosse atrás do estudante eles não teriam acessado em nenhum momento as aulas, em casos específicos foi necessário entrar em contato com outros familiares dos estudantes, pois não se conseguia conversar com os pais/responsáveis. (MACEDO, 2021).

Em uma análise realizada com estudantes de física 1, na Universidade de Brasília, sobre a percepção dos estudantes em relação à modalidade híbrida de ensino, evidenciou-se a necessidade de medidas para auxiliar os alunos nessa mudança. Até então o conteúdo era dominado pelo professor e repassado aos alunos, agora, os alunos se tornam protagonistas de seu próprio conhecimento enquanto o professor os guia. Entre as necessidades mais emergentes, relatadas pelos alunos, estão a ajuda para alunos que não conseguem proficiência nesse modelo, seja por falta de acesso ou por falta de motivação para o aprendizado. (MONTEIRO, 2021).

Com o início do ensino híbrido, estudantes que eram monitorados pelos responsáveis, e estes analisavam a presença nas aulas e a realização das atividades, possuíam um conhecimento maior do que havia sido transmitido durante o ensino emergencial remoto, do que estudantes que não possuíam este acompanhamento.

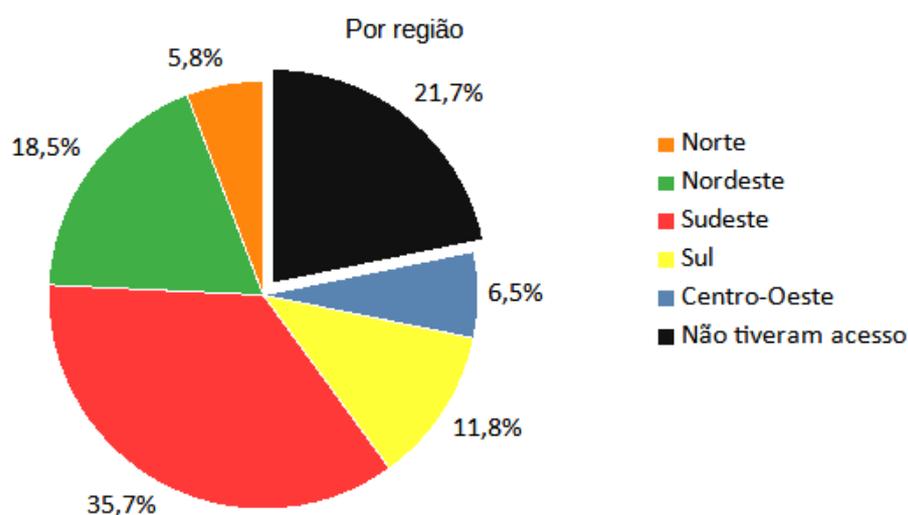
RESULTADOS E DISCUSSÃO

Tendo em vista que há pessoas que não possuem internet de qualidade em casa, a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD - Contínua) informa que apenas 78,3% da população brasileira, com mais de 10 anos, possuía acesso à internet no

último trimestre de 2019 (BRASIL, 2019); isso implica que mais de 40 milhões de brasileiros não tinham internet em suas residências. Essas pessoas que têm acesso estão distribuídas pelo país, é possível observar pelo gráfico que o local que concentra o maior número de pessoas que tiveram acesso à internet é a região Sudeste, devido o número de pessoas que moram nessa área, conforme gráfico abaixo.

Figura 1 - Porcentagem da população com 10 anos ou mais que acessaram a internet em 2019.

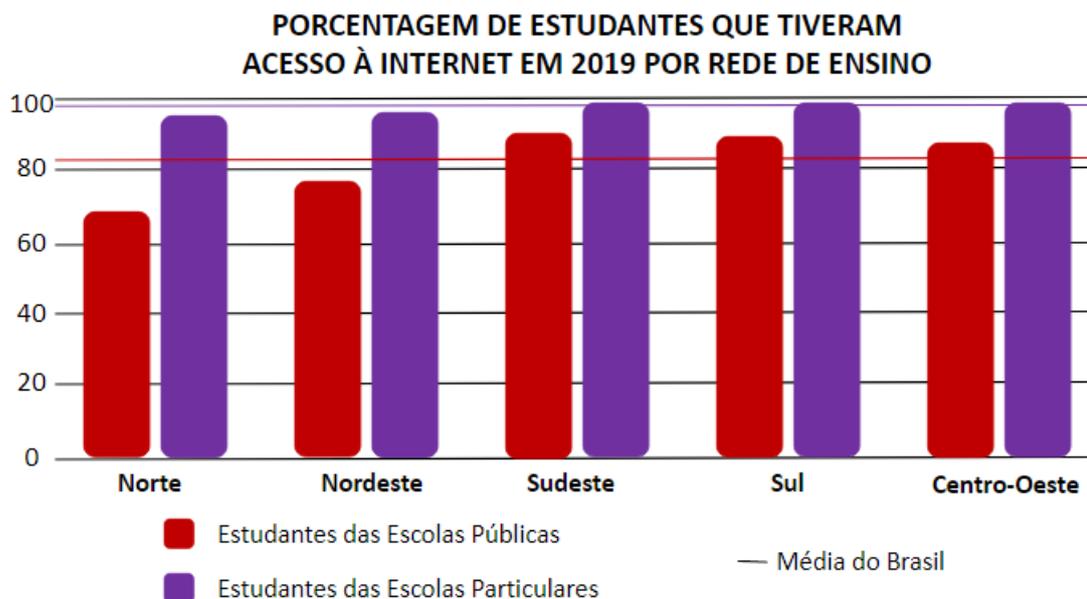
PORCENTAGEM DA POPULAÇÃO COM 10 ANOS OU MAIS QUE ACESSARAM A INTERNET EM 2019



Fonte: Elaboração dos autores, a partir de dados do IBGE (2019).

A região sudeste apresenta o maior índice, isso se deve ao fato de muitas pessoas morarem nesse local, porém, se levar em consideração o número de pessoas que vivem em cada região, o Nordeste lidera a quantidade de cidadãos que não utilizaram internet, com 31,4%, seguido pelo Norte com 30,8% (BRASIL, 2019). Isso reflete na educação do Brasil, porque são esses dois locais que tem a menor porcentagem de estudantes, tanto da rede pública quanto da rede privada de ensino, com acesso à internet, e isso causa uma disparidade da aprendizagem no país: mais de 4,2 milhões de estudantes não tinham esse acesso, sendo que quase 4,1 milhões eram de escolas públicas.

Figura 2 - Porcentagem de estudantes que tiveram acesso à internet em 2019 por rede de ensino



Fonte: Elaboração dos autores, a partir de dados do IBGE (2019).

Isso demonstra como o ensino de qualidade é exclusivo, aqueles com condições sociais melhores possuem uma instrução melhor, e mesmo esses estudantes que possuem equipamentos tecnológicos para assistir às aulas podem não se dedicar tanto aos estudos nesse período, às vezes por falta de interesse, incentivo ou instrução dos pais (CUNHA, 2021). Por isso os professores devem desenvolver meios que atraiam os estudantes para a aula e que, principalmente, os façam aprender e refletir sobre o conteúdo ensinado.

“...o Ensino Remoto Emergencial ganhou protagonismo em um momento de crise, colocando os docentes frente aos desafios de construir novas formas de ensinar-aprender, ressignificando suas práticas pedagógicas. O trabalho do docente é apenas uma gota no mar de desafios que se impõem sobre a educação, especialmente no que se refere à redução de desigualdades de oportunidades de inclusão.” (VALENTE, et al. 2020, p. 10)

Frente a essas informações, foi solicitado aos estudantes universitários e professores que fazem parte do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid), que relatassem quais foram as suas percepções a respeito do ensino durante a pandemia, a respeito das tecnologias de ensino, participação dos estudantes ou outras questões. Todas as pessoas que responderam fazem parte do programa em escolas de Curitiba, mas seus nomes e as instituições em que trabalham não serão divulgadas, eles serão denominados como: estudante 1 da escola 1 e assim por diante.

Tabela 1 – Relato dos participantes do Pibid de Física de Curitiba.

Relato dos participantes do Pibid		
Participante	Instituição	Relato
Professor 1	Escola 1	“Particularmente em física foi bem complicado pois as questões eram em grande quantidade levando em consideração que os alunos tinham mais disciplinas para realizar as atividades [...] Alguns alunos me mandavam perguntas de como resolver as questões, mas é muito difícil explicar uma questão de física por email”
Professor 2	Escola 1	“A primeira questão é que não houve formação específica, seja para operação do classroom que possui vários recursos que depois acabamos descobrindo, meio que forçosamente [...] eu sou um professor relativamente jovem, mas existem professores que ainda possuem dificuldade com relação às tecnologias digitais e acho que este foi um fator bastante contraditório”
Bolsista 1	Escola 2	“A participação não foi tão legal, normalmente eles não interagiam com a professora, sempre ficavam com a câmera fechada, então não dava pra saber se eles realmente estavam prestando atenção na aula, dificilmente os alunos respondiam algo que ela perguntava”
Bolsista 2	Escola 2	“[...] tive a oportunidade de ter contato com vários alunos diferentes, o que achei ótimo porque pude conhecer realidades diferentes da minha em primeira mão. No que diz respeito às aulas online, confesso que é um modelo desajeitado, que requer equipamentos que muitos alunos não têm e que pode dificultar muito o aprendizado dos alunos”
Bolsista 3	Escola 1	“A turma do 2ºA estava bem mais interativa, uma aluna interagiu e se destacava, após fui para o 2ºC, toda a turma interagiu, alguns um pouco mais, outros menos, mas não existia alguém que se destacasse”

Bolsista 4	Escola 1	“Nas turmas do primeiro ano da escola 1 o ensino a distância foi bem fraco (na minha visão). poucos alunos participaram e a maior parte interagiu muito pouco sobre os assuntos”
Bolsista 5	Escola 1	“O professor já estava com uma boa estrutura, já tinha arrumado as coisas dele para ter a aula online e a turma tinha se acostumado, eles interagiam se animavam [...] depois quando iniciou o ensino híbrido ficou meio estranho”
Bolsista 6	Escola 1	“No início a interação foi muito pequena, melhorou com o passar do tempo, mas existia uma dificuldade muito grande pois o professor não possuía liberdade para trabalhar o conteúdo ele deveria seguir exatamente o que a SEED enviava”
Bolsista 7	Escola 1	“Quase nunca os alunos participavam da aula, e menos da metade aparecia no Google Meet, às vezes por não ter condições de acessar, e quando o ensino híbrido começou foi uma luta, porque em algumas aulas o microfone não funcionava, a internet caía, o professor não escutava”

Fonte: Elaboração dos autores, a partir de dados do relato dos participantes.

Em meio aos relatos, é perceptível que houve várias dificuldades enfrentadas, a mais expressiva foi a não participação dos estudantes nas aulas online, o professor tentava interagir, mas não acontecia o retorno; mesmo buscando novas ideias e metodologias para trabalhar o conteúdo, percebe-se que a falta de interesse por parte dos estudantes que conseguiam acessar o Meet era grande, é difícil definir o porquê disso, talvez tenha sido a mudança repentina e apressada do formato de ensino.

Levando em conta a presença nas aulas, poucos estudantes compareceram, isto também é consequência da falta de acesso a tecnologias que acessam as plataformas utilizadas, quanto a isto, o ***professor 1***, fez mais uma reflexão, dizendo que “*Os alunos tinham pouca participação no início pois a grande maioria não dispunha de recursos para manter uma internet em casa e no celular. Muitos pais perderam o emprego ou tiveram seus salários reduzidos, alguns alunos tiveram que trabalhar nessa situação, deixando os estudos em segundo plano*”, isso é uma demonstração de como a desigualdade digital afetou (e ainda

afeta) grande parte da população, impossibilitando o acesso às aulas e colocando em xeque a frase de que a educação é para todos.

Em outro momento, o **professor 2** comentou o seguinte “*A primeira sensação que foi desconfortante foi a questão da exclusão que alguns alunos*”, referindo-se ao fato da falta de acesso de pessoas mais carentes, continua dizendo “[...] *o quórum dos alunos, pelo menos nos meus Meets eles variavam sempre de acordo com o horário, os primeiros e os últimos horários tinham menos pessoas, assim como com o dia da semana e também com o perfil das turmas, algumas turmas tinham menos pessoas, mas em média variava de 20 a 70% do quorum total da turma [...] isto na minha escola, que é uma escola grande e envolve pessoas de um determinado perfil, [...] nas áreas de exclusão social provavelmente este número de evasão é maior*”.

A Secretaria de Educação e do Esporte do Paraná buscou formas de suprir esta falta de participação: uma das primeiras ideias que surgiram foi o Aula Paraná, que era possível assistir aulas pela televisão, Youtube ou pelo aplicativo, os alunos também puderam optar por estar nas aulas através do Google Meet e ter o material disponibilizado pelo Classroom, aqueles que não têm a possibilidade de ver as aulas por esses sistemas recolhia atividades impressas nas escolas. Outras ferramentas foram criadas, como Redação Paraná e Escola Total, este é usado pelos professores para acompanhar a aprendizagem dos alunos. (EDUCAÇÃO, 2020)

Todas essas plataformas foram criadas para ajudar no ensino, porém outros problemas ocorriam em relação aos equipamentos que os alunos detinham. Ocasionalmente eles tinham que enviar fotos de atividades que eles fizeram, nesse sentido o **professor 1** disse que “*As fotos eram também de baixa qualidade além dos alunos fazerem cópia das respostas da internet*”, este relato foi no início onde o Meet ainda não havia sido implantado por completo, com relação as fotos, sabemos que quanto “mais caro” for o equipamento, melhor a resolução da câmera e melhor será foto.

Considerando a aula online em si, os professores fizeram um investimento próprio, tanto adquirindo equipamentos melhores, como acessando novas plataformas como o “Jamboard”, “DroidCam”, entre outros, o relato do **bolsista 3** descreve que “*A experiência com as aulas online se mostrou muito enriquecedora. Tive a oportunidade (e até a necessidade) de aprender sobre criação de material didático*”, mostrando que existiram algumas vantagens, continua dizendo, “*No que diz respeito às aulas online, confesso que é um modelo desajeitado, que requer equipamentos que muitos alunos não têm e que pode*



dificultar muito o aprendizado dos alunos, mas a experiência em si foi extremamente enriquecedora (e bem desafiadora)”.

Com relação ao ensino híbrido, o **bolsista 5** relata o seguinte, “*o professor já estava com uma boa estrutura, já tinha arrumado as coisas dele para ter a aula online [...] depois quando iniciou o ensino híbrido ficou meio estranho, porque existe a dificuldade do professor de administrar metade da turma online a outra metade presencial*”, mostra que quando a aula online estava começando a se tornar mais dinâmica, devido a investimento dos próprios professores, o ensino mudou para o híbrido. O ponto em destaque é que no modelo híbrido os estudantes que continuaram online pararam de interagir com o professor, como relatos temos, do **bolsista 1**, “*Porém quando o ensino híbrido iniciou, a interação parou por completo, mesmo estudantes que estavam na sala de aula, quando voltavam para a aula online não participavam*”. Existiu então uma exclusão dos estudantes que permaneceram na modalidade online.

Por fim, com relação aos equipamentos utilizados pelos professores no ensino híbrido e a estrutura da escola o **professor 1** relata “*Os computadores são até bons, quanto a câmera, particularmente me surpreendi com a qualidade da imagem, mas também esse fator depende da qualidade da internet disponível pela SEED. Conforme o uso recorrente por diferentes professores, os computadores aos poucos começam a apresentar falhas como falta de som*”, Todos os bolsistas relataram (e presenciaram) a qualidade da internet, que em muitas vezes oscilava, ficando impossível de escutar e de ler o que estava escrito no quadro, dificultando ainda mais o ensino para aqueles que estão presente pela plataforma do Google Meet. Destaca-se que a internet dos alunos também deve ser de qualidade para que a imagem fique boa. então o estudante que possuía uma internet melhor, conseguia ter uma qualidade de imagem e som melhores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi observada a exclusão que o ensino remoto emergencial proporcionou, os fatores que mais causaram essa exclusão foram a falta de equipamentos, falta de internet de qualidade, falta de estrutura das escolas e também o desinteresse dos estudantes, muitos métodos foram aplicados pelos professores buscando melhorar o ensino emergencial remoto e as escolas buscaram alternativas para a distribuição da aulas e atividades, porém mesmo com tanto esforço não foi possível atender a todos os alunos e o déficit no ensino foi muito grande.



A desigualdade digital existente no país foi escancarada, mostrando que a falta de recursos digitais e de estrutura das escolas públicas é alta e afeta de forma significativa o ensino.

A reflexão trazida aqui servirá de parâmetro para que futuramente, caso necessário, seja desenvolvido um ensino remoto mais abrangente, porém destaca-se aqui que o ensino está longe de ser “para todos” e que as desigualdades sociais afetam todas as áreas de uma sociedade contemporânea, no Brasil, é perceptível que a falta de investimentos na educação reflete um ensino precário e que o povo está sujeito a decisões de governantes que nem sempre buscam o melhor para a população.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm>. Acesso em: 12 out. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. Lei n. 9394, de 20 de dezembro de 1996. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília, 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm>

BRASIL. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua**. IBGE, 2019. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/educacao/17270-pnad-continua.html?edicao=30362&t=resultados>>. Acesso em: 13 out. 2021.

CUNHA, L. F. F. da; SILVA, A. S.; SILVA, A. P. da. O ensino remoto no Brasil em tempos de pandemia: diálogos acerca da qualidade e do direito e acesso à educação. **Revista Com Censo: Estudos Educacionais do Distrito Federal**, Brasília, v. 7, n. 3, p. 27-37, ago. 2020. Disponível em: <<http://www.periodicos.se.df.gov.br/index.php/comcenso/article/view/924>>. Acesso em: 15 out. 2021.

EDUCAÇÃO avança em tecnologia e inovação para soluções de ensino remoto. **Secretaria de Educação e do Esporte**, 2020. Disponível em: <<https://www.educacao.pr.gov.br/Noticia/Educacao-avanca-em-tecnologia-e-inovacao-para-solucoes-de-ensino-remoto>>. Acesso em: 22 out. 2021.

MACEDO, R. M. Direito ou privilégio? Desigualdades digitais, pandemia e os desafios de uma escola pública. Rio de Janeiro: **Estudos Históricos**, 2021, v. 34, n. 73, p. 262-280. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S2178-149420210203>>. Acesso em 09 out. 2021.

MONTEIRO, F. F. Análise de uma experiência híbrida no ensino de Física 1. **Revista Brasileira de Ensino de Física**, vol. 43, e20200315 (2021). Disponível



VIII ENALIC

EDIÇÃO DIGITAL

VIII ENCONTRO NACIONAL DAS LICENCIATURAS

VII SEMINÁRIO DO PIBID

II SEMINÁRIO DO RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA

7 A 11 DE NOVEMBRO DE 2021

ISSN: 2526-3234

em: <<https://www.scielo.br/j/rbef/a/dp3JDyDjPSgFyygNY8VJM5y/?lang=pt>>. Acesso em: 14 out. 2021.

NASCIMENTO, P. M. *et al.* Acesso domiciliar à internet e ensino remoto durante a pandemia. Brasília: **Ipea**, 2020. 16 p. Disponível em: <<http://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/10228>>. Acesso em: 12 out. 2021.

VALENTE, G. S. C.; MORAES, É. B. de; SANCHEZ, M. C. O.; SOUZA, D. F. de; PACHECO, M. C. M. D. Remote teaching in the face of the demands of the pandemic context: Reflections on teaching practice. **Research, Society and Development**, v. 9, n. 9, 2020. Disponível em: <<https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/8153>>. Acesso em: 14 out. 2021.